



**MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)**

COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E EDUCAÇÃO 2

Atena
Editora
Ano 2019

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Comunicação, Mídias e Educação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Comunicação, Mídias e Educação; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-695-9 DOI 10.22533/at.ed.959190910 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Silva, Marcelo Pereira da. II. Série. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Comunicação, Mídias e Educação constituem campos do saber que se entrecruzam e emolduram, por meio de suas especificidades de objetos e arcabouços teóricos, metodológicos e epistemológicos, fragmentos relevantes da arquitetura na qual a sociedade, as organizações e os atores sociais se assentam.

Nesse sentido, este livro contém um tripé, a saber, Comunicação, Mídias e Educação, que se (im)põe como condição na construção da sociedade e na consolidação da democracia, da participação, do diálogo e da análise crítica que alimenta as possibilidades de compreensão da complexa sociedade na qual estamos imersos.

A Comunicação, as Mídias e a Educação, assim, se apresentam como três campos que materializam múltiplas expectativas, desafios e oportunidades em um tempo no qual emergentes formas de ver, estar e sentir o mundo ressignificam o tecido social, redefinem profissões e produzem outras formas de interação, trocas e socialidades.

Destarte, dividimos esta obra em 2 partes: A primeira problematiza, por meio de diferentes métodos, análises, discussões e epistemes, o universo das Redes e Mídias Sociais da Internet, contendo artigos que tratam dos atores que emergem com o surgimento e a cimentação das redes sociotécnicas, os discursos que circulam no ecossistema virtual e os obstáculos decorrentes dessa ecologia.

A segunda parte engloba artigos que versam acerca das Mídias e do Jornalismo, lançando luz sobre a constituição das mídias sociais da Internet e das mídias de massa, assim como no lugar que o Jornalismo ocupa no contexto pós-moderno. Por meio de diversas discussões, metodologias e problematizações que aprofundam o olhar sobre as Mídias e o Jornalismo, tais artigos pavimentam a estrada por onde caminham, ainda que em sentidos que ora divergem e ora convergem nas interfaces entre Comunicação, Mídias e Educação.

Temos que Comunicação, Mídias e Educação devem ser entendidas e colocadas no centro da existência humana, dado que se tornaram medulares para a construção de uma sociedade mais aberta, justa, empática e sensível às demandas das labirínticas alteridades.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

PARTE 1: REDES E MÍDIAS SOCIAIS DA INTERNET

CAPÍTULO 1	1
A CELEBRIDADE PELO ESCÁRNIO: GRETCHEN, RISO E REDES SOCIAIS	
Jaciane Freire Santana João Gabriel Lourenço da Silva Santos Fabiana Moraes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9591909101	
CAPÍTULO 2	11
A FORMAÇÃO DE EDITORIAS DE MÍDIAS SOCIAIS EM REDAÇÕES JORNALÍSTICAS E OS DILEMAS SOBRE O PROFISSIONAL “HÍBRIDO”	
Robson Roque Ivan Satuf	
DOI 10.22533/at.ed.9591909102	
CAPÍTULO 3	24
AMINER.: METADADOS DE PESQUISAS ACADÊMICAS ATRAVÉS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	
Giuliano Carlo Rainatto Genesio Renovato da Silva Neto Jucilene Faria Norberto de Almeida Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.9591909103	
CAPÍTULO 4	39
ANÁLISE DISCURSIVA DE PERFIS DE DIGITAIS INFLUENCERS MIRINS	
Elane da Silva Sousa Regysane Botelho Cutrim Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9591909104	
CAPÍTULO 5	53
ECOSSISTEMA DA DES-INFORMAÇÃO: TIPOS DE CONTEÚDOS FRAUDULENTOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018	
Kennedy Anderson Cupertino de Souza Marilene Mattos Salles	
DOI 10.22533/at.ed.9591909105	
CAPÍTULO 6	66
FAKENEWS NA ATUALIDADE: ESTUDO DA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS COMO RECURSO DE PROPAGABILIDADE	
Luiz Guilherme de Brito Arduino Vânia de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.9591909106	

CAPÍTULO 7	77
JORNALISMO ESPORTIVO E E-SPORTS: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE A POSSÍVEL INSERÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS	
Guilherme Fernandes Mota Silva	
Luísa Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.9591909107	
CAPÍTULO 8	88
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR DE NOTÍCIAS COM O FENÔMENO SEGUNDA TELA	
Suély Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.9591909108	
CAPÍTULO 9	98
MÍDIAS DIGITAIS E CAPITAL SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS AÇÕES DA CI COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NO FACEBOOK	
Gabriel Gustavo Carneiro Braga	
Letícia Silva Mendonça	
Carolina Guerra Libério	
DOI 10.22533/at.ed.9591909109	
CAPÍTULO 10	110
O ELEITOR CONECTADO: PERFIL E CONSUMO DE CONTEÚDO NAS ELEIÇÕES 2018	
Maíra Martins Moraes Vitorino	
DOI 10.22533/at.ed.95919091010	
CAPÍTULO 11	125
PARA QUE SERVE UM BOATO NUMA CRISE DEMOCRÁTICA? REFLEXÕES SOBRE OS SINTOMAS, A PARTICIPAÇÃO E A UTILIDADE DOS BOATOS NA CRISE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA	
Iasminny Thábata Sousa Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.95919091011	
CAPÍTULO 12	138
PÁGINA BOLSOMINIONS ARREPENDIDOS: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA	
Izailma Jaciara Araujo Costa	
Márcia Inabelly Araújo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.95919091012	
PARTE 2: MÍDIAS, JORNALISMO E ANÁLISES	
CAPÍTULO 13	147
COMPOSIÇÃO, CORES E SUBJETIVIDADE: ESTUDO DO DISCURSO PREGNANTE EM INFOGRÁFICOS DO “LA NACIÓN DATA” E “ESTADÃO DADOS”	
Kelly De Conti Rodrigues	
Carlos Alberto Garcia Biernath	
Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.95919091013	

CAPÍTULO 14	161
A INVISIBILIDADE DO COVEIRO E O JORNALISMO LITERÁRIO: HISTÓRIAS DE PARATINGA	
Tiago Florencio de Abreu Angelita Pereira de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.95919091014	
CAPÍTULO 15	170
A QUEDA HISTÓRICA DE ANUNCIANTES NO JORNAL O POPULAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O FUTURO DO JORNAL IMPRESSO E SUA CRISE DE FINANCIAMENTO	
Edson Francisco Leite Junior	
DOI 10.22533/at.ed.95919091015	
CAPÍTULO 16	182
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA SÉRIE <i>ORANGE IS THE NEW BLACK</i>	
Camilla Pessoa Barros Bibiano	
DOI 10.22533/at.ed.95919091016	
CAPÍTULO 17	191
BLOCKCHAIN E JORNALISMO DIGITAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O MODELO DE NEGÓCIOS DA EMPRESA THE CIVIL MEDIA COMPANY	
Lucas Rezende Costa Luísa Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.95919091017	
CAPÍTULO 18	202
COTAS UNIVERSITÁRIAS NAS COLUNAS DE CARTA CAPITAL: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL	
Elisa Fabris de Oliveira Edinete Maria Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.95919091018	
CAPÍTULO 19	214
DO FEMININO AO FEMINISMO: UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS NA REVISTA AZMINA	
Thais Martins Rossi Maria Emília Pelisson Manente	
DOI 10.22533/at.ed.95919091019	
CAPÍTULO 20	226
FEMINICÍDIO E A IMPRENSA BRASILEIRA: ANÁLISE DA COBERTURA DIGITAL SOBRE O CASO TATIANE SPITZNER	
Bruna Silvestre Innocenti Giorgi	
DOI 10.22533/at.ed.95919091020	

CAPÍTULO 21	238
IMAGINÁRIO, MULTICULTURALISMO E APOCALIPSE NO FILME CÍRCULO DE FOGO	
Rafael Iwamoto Tosi	
DOI 10.22533/at.ed.95919091021	
CAPÍTULO 22	250
LIMITAÇÕES À DIVERSIDADE SIGNIFICATIVA DE VERSÕES NAS NOTÍCIAS: A COBERTURA D'O GLOBO E DO DIARIO DE PERNAMBUCO NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Nathália Carvalho Advíncula Maria Clara de Oliveira Martins Heitor Costa Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.95919091022	
CAPÍTULO 23	262
O CINEMA E O DUPLO: ANÁLISE MIMÉTICA DO FILME MARINA	
Bárbara dos Santos Oliveira Crislene Susane Fernandes Moreira Alexandre Bruno Gouveia Costa	
DOI 10.22533/at.ed.95919091023	
CAPÍTULO 24	273
O SENSACIONALISMO E A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO POLICIAL MARANHENSE: UM ESTUDO DO PROGRAMA BANDEIRA 2	
Samantha Kelly Tinôco Araújo Alexandre Bruno Gouveia Costa	
DOI 10.22533/at.ed.95919091024	
CAPÍTULO 25	284
<i>PANTHER IS THE NEW BLACK</i> : REPRESENTATIVIDADE E CULTURA NA COMUNICAÇÃO DO FILME PANTERA NEGRA	
Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.95919091025	
CAPÍTULO 26	297
POR TRÁS DAS GRADES: O SILÊNCIO SOBRE OS PRESÍDIOS FEMININOS NO BRASIL	
Gabriel Barros da Silva Eduardo Julia Borsoi de Oliveira Natalia Vicente Teixeira Maria Emilia Pelisson Manente William Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95919091026	
CAPÍTULO 27	306
PRODUÇÃO IMAGÉTICA NO CINEMA: CONVERGÊNCIAS REPRESENTATIVAS ENTRE AS PRODUÇÕES DE JEAN-LUC GODARD E LARS VON TRIER	
Marcelo dos Santos Matos	
DOI 10.22533/at.ed.95919091027	

CAPÍTULO 28	316
VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO AUTOMOTIVO	
Sergio Quintanilha	
DOI 10.22533/at.ed.95919091028	
CAPÍTULO 29	330
UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA ATUALIDADE	
Paloma da Silva	
Andressa Rosa de Araújo	
Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi	
DOI 10.22533/at.ed.95919091029	
CAPÍTULO 30	344
TEORIAS DO JORNALISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA DESCONSTRUIR AS <i>FAKE NEWS</i>	
Gabriela Souza Silva	
Mariana Oliveira Santos	
Carmen Regina de Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.95919091030	
CAPÍTULO 31	356
RETRATOS E IDENTIDADES DO LICEU MARANHENSE: UMA VIVÊNCIA DA ARTE DA FOTOGRAFIA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Elma Vilma Silva Ferreira	
Ellen Lucy Viana	
DOI 10.22533/at.ed.95919091031	
SOBRE O ORGANIZADOR	363
ÍNDICE REMISSIVO	364

UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA ATUALIDADE

Paloma da Silva

Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Andressa Rosa de Araújo

Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

RESUMO: A contemporaneidade é marcada por uma sociedade midiaticizada, na qual os meios de comunicação exercem influência sobre as instâncias sociais, abrangendo até mesmo os contextos relacionados ao campo da saúde. Essa pesquisa caracteriza-se por um estudo qualitativo, constituído a partir de uma revisão de literatura narrativa baseada em elementos científicos e uma análise feita com base na mídia brasileira. Pretende-se apresentar um panorama das produções encontradas na mídia online e escrita no Brasil e correlacionar os resultados com possíveis interpretações midiáticas na vida das pessoas. A coleta de dados buscou descrever os estudos apresentados em artigos publicados no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), usando os seguintes descritores: “*mídia e loucura*”, “*mídia e doença*

mental”, “*mídia e transtorno mental*” e “*mídia e saúde mental*”. Foram considerados para inclusão no estudo somente artigos completos e publicados em português. Os dados foram divididos em categorias de análise a partir da análise narrativa. Foram estabelecidas categorias relacionadas à saúde mental e mídia: os aspectos históricos, pessoas com uso abusivo de álcool e drogas, patologização e estigmas de gênero, representações sociais do corpo e transtornos alimentares, subjetividades da saúde do trabalhador. Verificamos as produções científicas com o objetivo de apresentar as divergentes opiniões dos autores, relacionadas aos pareceres sobre a saúde mental apontados pela mídia na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Saúde mental; Transtorno mental.

ABSTRACT: Contemporaneity is marked by a mediatized society, in which the media exert influence on social instances, including even the contexts related to the field of health. This research is characterized by a qualitative study, constituted from a review of narrative literature based on scientific elements and an analysis based on the Brazilian media. It is intended to present an overview of the productions found in online and written media in Brazil and to correlate the results with possible mediatic interpretations in peoples lives. The data collection sought to

describe the studies presented in articles published in the Virtual Health Library (VHL) data base, using the following descriptors: “media and madness”; “media and mental illness”, “media and mental disorder”; and “Media and mental health”; Only complete articles published in Portuguese were considered for inclusion in the study. Data were divided into categories of analysis based on narrative analysis. Subjects related to mental health and media were established: historical aspects, people with alcohol and drug abuse, pathologization and gender stigmas, social representations of the body and eating disorders, subjectivities of workers; health. We verified the scientific productions with the purpose of presenting the divergent opinions of the authors, related to the mental health opinions pointed out by the media in the present time.

KEYWORDS: Media; Mental health; Mental disorder.

1 | INTRODUÇÃO

A mídia está cada vez mais presente em nosso meio, principalmente a mídia digital, o aparelho celular é um grande exemplo disso, antes era usado apenas para mandar mensagens e fazer ligações, e hoje o aparelho virou um computador de bolso, criando uma grande rede para formações de opiniões e argumentos. O público conectado e no meio disto tudo acaba absorvendo notícias e acreditando nas alegações. Em novelas, filmes e séries, são criados personagens a fim de retratar uma realidade muitas vezes superficial e não condizente com a realidade, nos jornais e noticiários são exibidas notícias rasas sobre o assunto, fazendo com que o telespectador crie pré-julgamentos e pré-conceitos sobre o conteúdo apresentado.

Segundo Emerich et al. (2016), a contemporaneidade é marcada por uma sociedade midiaticizada, na qual a mídia exerce influência sobre as instâncias sociais, abrangendo a saúde. Assim, a mídia como uma ferramenta de comunicação social de massa acompanha e provoca o processo de globalização da informação. Na atualidade, a mídia vem desempenhando um papel de formadora de opinião, influenciando as pessoas em suas opiniões sobre inúmeras problemáticas. Desse modo, os veículos de comunicação do círculo contemporâneo incluem a publicidade, os transmissores de notícias, os filmes, as minisséries, as novelas e a utilização das redes sociais pela internet (MOREIRA, 2010).

No que concerne às notícias, a mídia é uma ferramenta capaz de espalhar, sem um controle real da veracidade, por diferentes meios de comunicação, uma notícia ou um fato como uma “mercadoria” que pode trazer inúmeras consequências, algumas delas catastróficas para diferentes segmentos sociais, tendo inclusive grandes repercussões individuais ou coletivas. O que ocorre realmente é que muitas vezes os fatos concretos são distorcidos, transformando a realidade em falácia ou em um mito. Consequentemente, as pessoas sempre estão em busca de possíveis verdades, pois a mídia oferece incontáveis versões sobre a suposta “verdade” proporcionando uma interpretação variada dos fatos (FONSECA, 2011).

Barros (2003), aborda que a imprensa pode ser muito sensacionalista quando o assunto se trata de crimes ou casos psicopatológicos, provocando uma tamanha repercussão na sociedade, pois a mídia destaca muitas vezes negativamente este tipo de notícia. Ele aponta algumas consequências que este tipo de exposição pode trazer, são: a) a generalização e perpetuação de preconceitos; b) a divulgação de informações falsas a respeito das doenças mentais; c) reforçar o sofrimento das pessoas diretamente ou indiretamente envolvidas; d) o conteúdo sensacionalista pode motivar para novos crimes. O público em si, já tem idealizado que qualquer tipo de doente mental, é agressivo e comete crimes, a imprensa sabendo disto, utiliza de forma exacerbada este assunto para fins de audiências e lucro.

Esse artigo portanto, tem por finalidade analisar as produções científicas, afim de, mostrar diferentes pensamentos de autores acerca das concepções sobre a saúde mental retratadas pela mídia no momento presente.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa foi de caráter exploratório e em formato de revisão de literatura, submetido ao Portal de Projetos da Universidade Federal de Santa Maria identificado pelo número 050192. Nessa configuração de pesquisa, não houveram hipóteses a serem testadas, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informação sobre determinado assunto de estudo (VERGARA, 2004). Além de auxiliar na definição dos objetivos da pesquisa científica, a revisão bibliográfica também contribui nas construções teóricas, nas comparações e na validação dos resultados. (MEDEIROS e TOMASI, 2008). Quanto aos meios, de pesquisa, buscou-se o caráter bibliográfico, a qual, segundo Vergara é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral (VERGARA, 2004).

Optamos metodologicamente por seguir os caminhos de uma revisão de literatura narrativa. Segundo Brum et al. (2015), esse tipo de revisão possui caráter amplo e propõe descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente. A revisão narrativa, portanto, não utiliza necessariamente critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura, sendo que a seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores.

Contanto, essa pesquisa se caracterizou como um estudo de natureza teórica em relação ao tema abordado. A coleta de dados foi composta por uma fase, que buscou levantar os estudos apresentados em artigos publicados no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), usando os seguintes descritores: “*mídia e loucura*”, “*mídia e doença mental*”, “*mídia e transtorno mental*” e “*mídia e saúde mental*”. Foram considerados para inclusão no estudo somente artigos completos e

publicados em português.

Este processo envolveu atividades de busca, identificação, fichamento de estudos, mapeamento e análise. Após essa etapa foi realizada a leitura dos artigos pelo resumo, os dados coletados para a seleção dos artigos analisados neste estudo atenderam aos seguintes critérios de inclusão: tratar-se de artigo original, ter resumo completo na base de dados, no idioma de língua portuguesa, cujo objeto de estudo seja de interesse desta revisão narrativa e que esteja disponível gratuitamente, na íntegra em formato eletrônico na base de dados. Já os critérios de exclusão foram: artigos publicados em periódicos não editados no Brasil; tese ou dissertação e relato de experiência.

Inicialmente, foram encontradas 45 produções científicas todos com os descritores. Com os descritores “*mídia e loucura*” encontramos 4 artigos, “*mídia e doença mental*” com 5 artigos, “*mídia e transtorno mental*” com 11 artigos e “*mídia e saúde mental*” 25 artigos. Das 45 produções científicas, 19 artigos foram excluídos de acordo com os critérios da pesquisa e 26 apresentavam o texto na íntegra, disponível online e atenderam ao critério de inclusão relativo ao idioma que era a língua portuguesa e foram considerados para a análise. (vide Quadro1).

Os dados foram divididos em categorias de análise a partir da análise narrativa e verificados a luz dos aportes teóricos que orientam essa pesquisa. A análise narrativa, de acordo com Bastos e Biar (2015), estabelece que o conhecimento é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de uma narrativa única. Nessa perspectiva, foram elencadas as seguintes categorias: 1- Saúde mental e mídia: aspectos históricos e representações sociais, 2- Saúde mental e mídia: as pessoas e o uso abusivo de álcool e outras drogas na atualidade - experiências brasileiras, 3- Patologização, estigmas de gênero e sexualidade, 4- Saúde mental e mídia brasileira: representações sociais do corpo e os transtornos alimentares na atualidade e 5- Saúde mental e mídia brasileira na atualidade: subjetividade do trabalhador.

Embora nosso trabalho tenha dito cinco categorias, neste capítulo serão abordadas apenas duas: 1- Saúde mental e mídia: aspectos históricos e representações sociais, 2- Saúde mental e mídia: as pessoas e o uso abusivo de álcool e outras drogas na atualidade.

TÍTULO	AUTORES	ANO	NOME DA REVISTA
Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo ok	Machado, A.	2004	Ciênc. Saúde coletiva vol. 9 no. 2.
Narrativas e experiências acerca da loucura: uma reflexão de profissionais de comunicação ok	Santos, J. e Cardoso, C.	2011	Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.15, n.38, p.727-39.

TÍTULO	AUTORES	ANO	NOME DA REVISTA
Conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre drogas e política de enfrentamento às drogas	Branco et al.	2015	Rev. Pesqui. Cuid. Fundam.
Mulheres, saúde e uso de crack: a reprodução do novo racismo na/ pela mídia televisiva	Macedo, et al.	2015	Saude. Soc. Vol. 24 no. 4.
O crack em um cenário empedrado: articulações entre os discursos jurídico, médico e midiático	Cunda, F. e Silva, R.	2014	Psicol. Soc. Vol. 26 no. Spe Belo Horizonte.
Drogas em área de risco: o que dizem os jovens	Costa et al.	2012	Physis (Rio J.); 22 (2): 803:819, abr.- jun.
Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação?	Romanini, M. e Roso, A.	2012	Psicol. Ciênc. Prof; 32(1): 82-97.
Uso e abuso de álcool e outras drogas: ações de promoção e prevenção no trabalho	Carrillo, L. e Mauro, M.	2003	Rev. Enferm. UERJ; 11(1): 25-33.
Representações midiáticas da interação compulsória de usuários de drogas	Wurdi, K. e Motta, M.	2014	Temas em Psicologia – 2014. Vol. 22, nº 2, 433-444.
Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura	Costa et al.	2015	Ciênc. saúde coletiva 20 (2).
A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família	Souza et al.	2010	Ciênc. Saúde Colet; 15(3): 733-741.
Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003	Ronzani et al.	2009	Ciênc. Saúde Colet; 14(5): 1751-1761.
Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional	Zanotto, F. e Assis, B.	2017	Physis (Rio J.); 27(3): 771-792.

Quadro 1: Artigos selecionados para análise de dados.

Fonte: Banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, 2018.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Saúde Mental e Mídia: Aspectos Históricos e Representações Sociais

Essa análise foi contemplada através dos discursos referentes aos aspectos históricos e das representações sociais da saúde mental na mídia brasileira e serão discutidos a partir dos artigos de Machado (2004), e Santos e Cardoso (2011).

Para Machado (2004), as representações sociais são desenvolvidas através dos sentimentos, das opiniões e dos posicionamentos apresentados pelos meios de

comunicação, fazendo assim com que os indivíduos absorvam ou desconsiderem a matéria apresentada. O sujeito que concorda com a perspectiva do tema abordado ratifica os seus conceitos, introduz ao seu repertório mais referências e engloba novos saberes a respeito daquele tema. Já os sujeitos que discordam da matéria, negam e debatem o tema que está sendo mostrado, fortificando as suas crenças e opiniões.

O modo como será refletido essas opiniões se dão individualmente e também coletivamente conforme Machado (2004). Individualmente porque cada pessoa tem para si os seus valores pessoais, suas convicções, seu entendimento, conforme o seu presente estado psicológico. E, coletivamente, pois se trata do caminho social, onde as informações serão debatidas e comentadas nos ambientes sociais dessa pessoa. Assim se dá a construção da consciência, através dos componentes apresentados e formam-se as representações sociais.

Segundo Machado (2004), a teoria do senso comum em relação à loucura e a reforma psiquiátrica aborda um composto de pensamentos, alegações e esclarecimentos conforme a imprensa brasileira retrata as representações sociais. A mídia como comunicadora de massa, pode desempenhar o papel de investigadora através dos meios de comunicação inseridos no cotidiano de cada sociedade.

Entretanto, segundo Santos e Cardoso (2011), as concepções sobre a loucura, por intermédio de comunicadores de massa, como radialistas e jornalistas, aparecem em forma de diversas ideias a respeito do tema. Alguns trouxeram certo conhecimento sobre clínica médica, como diagnósticos, sintomas e problemas, outros relataram ter medo dos portadores de transtornos mentais, e outros discursos apresentaram a loucura como socialmente aceita, descrevendo que todo mundo tem um pouco de "loucura" em si, citando ainda o ditado "de médico e louco cada um tem um pouco".

A loucura é utilizada para descrever algum tipo de experiência vivida, uma atitude irresponsável, uma ação excêntrica de demonstração de sentimentos, distúrbio mental e até mesmo uma paixão incomensurável. Para os autores Santos e Cardoso (2011), quando se busca a relação da mídia sobre a temática da loucura, nota-se certa dificuldade para os profissionais da comunicação em manifestar-se sobre esse tema. Algumas expressões relatadas trazem à tona dúvidas, segundo os profissionais esses assuntos deveriam ser mais investigados através de estudos, por meio da construção de uma abordagem que abranja uma grande escala em que se realizassem debates acerca do preconceito envolvendo esse tema, bem como a divulgação de informações esclarecedoras a respeito da saúde mental e não somente apresentando casos envolvendo crimes, pois a construção que gera lucro para as empresas envolve notícias sobre a violência.

A linguagem permite que a experimentação privada se faça pública, levando em conta que as vivências sociais as quais estamos ligados (família, vizinhos, amigos) e os conceitos formados a partir de conhecimentos diversos (religião, filosofia, arte).

Nota-se que as narrativas envolvendo a loucura se estruturam em decorrer dos temas como violência, estigma e prejulgamento, mostrando como a mídia lida de

uma maneira excludente e preconceituosa acerca dessa temática, fazendo com que a percepção sobre a construção de sentidos dos sujeitos seja moldada de uma forma errônea, e sendo assim reproduzida continuamente.

Percebemos que os discursos apontados sobre a saúde mental sofrem influência da mídia, através de reportagens que apresentam temáticas com interpretações muitas vezes distorcidas sobre esse assunto, conforme os posicionamentos retratados pelos meios de comunicação, porém também contribuem para que seja desenvolvida a concepção de consciência mediante temas discorridos pela mídia, onde as pessoas podem ou não concordar com as matérias.

Na concepção de Barboza e Feldens (2016), a construção da mídia é um dos mecanismos discursivos que promovem a vinculação do âmbito da doença mental no campo social. Essa vinculação não é realizada sob uma perspectiva isenta e leviana, mas estabelecida em meios de poderio. As denominações psicopatológicas encontram-se em constantes mudanças históricas e educacionais, sendo os veículos de comunicação encarregados de fazer essa transferência para a esfera pública.

3.2 Saúde Mental e Mídia: As Pessoas e o Uso Abusivo de Álcool e Outras Drogas na Atualidade: Experiências Brasileiras

Foram selecionados 11 artigos na temática, organizados através dos discursos sobre as pessoas e o uso abusivo de álcool e outras drogas na atualidade.

Segundo Branco et al. (2015), constata-se que são inúmeras as áreas da vida do sujeito que são prejudicadas em decorrência ao uso de drogas, são exemplos: a saúde, o trabalho e as relações sociais. Segundo os autores, as drogas não somente prejudicam o sujeito que faz o uso, mas também afetam o campo da saúde, do contexto social e econômico. O demasiado uso, a fabricação e emissão em vasta proporção, vem possibilitando que as drogas sejam mercadoria de comercialização, fazendo com que cada vez mais pessoas se envolvam nessa esfera ilegal, proporcionando que as drogas se tornem um preocupante obstáculo para a saúde pública. Para que se tenham profissionais qualificados na atenção básica de saúde, é preciso que se aplique na formação dos futuros graduados, em meio a eles, os enfermeiros, visto que o conhecimento do graduado de enfermagem têm uma visão generalista sobre o assunto relatando sobre alguns danos a saúde mental e física e problemas econômicos e sociais. O conhecimento acerca desses assuntos é baseado em informações ligadas a meios sociais e eletrônicos, mostrando um entendimento científico limitado.

A partir dos estudos de Macedo et al. (2015), a individualidade tornou-se comum na sociedade ocidental, interferindo na política, no mercado e, até mesmo, na conduta perante a modernidade. Verificando as ações e ligações que determinam essa situação, o autor destaca que a forma como as pessoas estabelecem relações com as drogas está ligada claramente ao aumento do consumo de diversos componentes na sociedade moderna, incluindo os entorpecentes. Porém, o consumo de drogas,

particularmente o crack, continua sendo um fato apontado no “limite” da sociedade. Para o autor, a maneira como algumas mídias de massa propagam notícias a respeito das drogas é parcial, deficiente, pende a ressaltar a droga e as consequências nos indivíduos que fazem uso, esquecendo-se que, além disso, existe a formação social, política e cultural dos usuários.

No que diz respeito à saúde das mulheres, as táticas usadas pelo Estado colocam de maneira a acarretar determinadas características de relações. A começar pela análise de um programa chamado “Mães do crack”, salientam-se alguns aspectos que indicam a retratação do novo racismo na matéria televisiva, visto que os meios de comunicação apresentam as mulheres usuárias de crack como se fossem culpadas das complicações sociais, sem levar em consideração as concepções entre as circunstâncias, o momento histórico e a sociedade, mostrando assim a visão preconceituosa e restrita à frente do assunto.

Segundo os estudos de Cunda e Silva (2014), a criação das notícias de que os usuários de crack são perigosos e de que a doença não tem cura é de responsabilidade da esfera jurídica e policial, e contou com o suporte da psiquiatria biologicista e da mídia que fez a divulgação. As primeiras reportagens foram feitas por exibições sensacionalistas que mostravam a marginalidade sendo reprimida pela polícia ou de famílias desesperadas que algemavam ou acorrentavam seus filhos em casa para que não saíssem em busca da droga. Os grandiosos meios de comunicação, no começo limitaram a questão apenas as manchetes policiais. O medo era de uma proliferação do mal, embasada por uma concepção neuromédica de compulsão inconversível de crack fazendo com que a mensagem passada fosse de descrença no futuro de crianças e jovens, onde a sociedade iria apagar-se devido ao descontrole.

Os autores relatam ainda que, antes da Lei da Reforma Psiquiátrica, a política de saúde mental relacionada ao crack foi conduzida pela política do medo desenfreado, e o cenário propiciou o crescimento a investir em custos destinados a leitos psiquiátricos, em comunidades terapêuticas nas jordanas publicitárias.

Para Romanini e Roso (2012), a epidemia do crack propõe a propagação de que qualquer pessoa está suscetível ao uso de crack, porém, depois imputa diferenças: pobres e ricos, público ou privado e reforma psiquiátrica e o paradigma hospitalocêntrico. Assim se mantém as relações de dominância, que evidenciam a exclusão categorizando o usuário de crack, dificultando o alcance a garantia da saúde das pessoas e de grupos desprezados devido a sua condição social.

Segundo Wurdig e Motta (2014), a pesquisa realizada sobre reportagens com a temática “Internação compulsória de usuários de crack”, teve como base uma proposta apresentada o projeto de Lei nº 7663/2010, divulgado no Rio Grande do Sul, mostrando-se ser uma Lei Antidrogas que concede que o usuário seja internado para a intervenção sem que o dependente químico ou o juiz aprovem. Para os autores, esse tipo de proposta coloca o confinamento do usuário como o melhor método para o tratamento. Percebe-se que a religião aparece fortemente ligada aos fatos históricos

sobre a loucura, e nas reportagens é visível que o discurso de “salvar” o usuário aparece como sendo um ato de compaixão para com o mesmo, mostrando que os valores religiosos são os corretos para se ter uma vida digna. Por conseguinte, a internação involuntária é vista como uma recuperação para o usuário que a sociedade oferece como uma forma de se mostrar piedosa diante da situação, como se fosse detentora do bem contra o mal.

Os usuários são retratados nas reportagens como pessoas completamente incapazes de fazerem escolhas, são apresentados como sendo pessoas que vivem nas ruas, que comem lixo e não tem um lar. Essas concepções podem influenciar e agravar os problemas de saúde dos dependentes químicos, pois reforçam o estigma sobre essas pessoas. Pode-se concluir que a mídia inúmeras vezes manipula os fatos para apresentar notícias sensacionalistas, não permitindo espaço para que o outro lado da história seja contado.

Na perspectiva Zanotto e Assis (2017), em seu documental sobre usuários de crack, destacam-se cinco categorias que apontam que a mídia interfere na construção de raciocínio coletivo e político. Sendo a primeira categoria, refere-se ao retrato do usuário de crack, aponta que a matéria não faz diferenciação entre idade ou sexo, e aponta que o sexo feminino é o mais vulnerável por conta de possíveis gestações não planejadas e violência sexual. Os outros usuários (crianças, homens e idosos) são retratados também de uma forma reducionista, mostrando na reportagem que os indivíduos vivem em circunstâncias instáveis de sustento e higiene. Essas referências aos usuários reforçam ao leitor que esses cidadãos preferem morar na rua por ser uma vivência descomplicada nesse ambiente, desconsiderando as situações sociais e econômicas dessas pessoas e suas situações familiares inconsistentes.

A segunda categoria aponta as nomeações depreciativas referindo-se aos usuários. Reforçaram os estigmas sobre essas pessoas, através de alguns vocabulários, como: “andarilhos”, “negros”, “desdentados”, “nóias”, “drogados”, principalmente “viciados”, entre outros. Essas nomeações intensificam a ideia de que essas pessoas são inferiores aos demais e estimulam o preconceito. A categoria três faz referência ao usuário de crack como um ser doente, uma pessoa que deverá ser tratada preferencialmente dentro de um hospital reforçando a lógica do modelo biomédico.

As concepções dos leitores e moradores a respeito dos usuários de crack entram na categoria quatro. Os usuários são vistos como pessoas muito perigosas, relatam que querem distância dessas pessoas ao mesmo tempo em que dizem que os usuários estragam a imagem do centro da cidade e que eles deveriam estar internados em hospitais psiquiátricos fortalecendo a segregação. As pessoas sentem-se incomodadas com a presença dos usuários de crack e a lei é aplicada de uma forma diferente a essas pessoas, pois eles estão à vista de todos, distintivamente dos usuários de ecstasy, em festas da classe alta.

Por fim, a categoria cinco traz as crenças dos religiosos, profissionais da saúde,

políticos e outros profissionais em relação aos usuários de crack. Constatou-se que os profissionais são preceptores de opiniões propagadas. Através do levantamento feito, os profissionais, médicos e psiquiatras, têm opiniões inflamadas, por considerarem que eles são detentores do saber, prejudicando assim a política de redução de danos.

Na perspectiva de Ronzani et al. (2009), a mídia é uma formadora de opiniões, isso é fato. Mediante levantamento de informações, feita por uma revista, a respeito de substâncias psicoativas, nota-se que conforme os resultados apresentados, muitas vezes não corresponderam com informações epidemiológicas brasileiras e/ou mundiais.

Os meios de comunicação podem mostrar de maneira a inclinar-se com relação à circunstância ao qual está posta, quanto a induzir a construção de concepções e posicionamentos diante de deliberados assuntos. No cenário das drogas, conforme o estudo apresenta os dois tópicos são exibidos, pois a revista mostrou dados do estudo, e ela não se posicionou de uma forma clara e exclusiva, em relação às drogas.

Os autores entendem que há um conflito entre o sentido concedido pela mídia e o retrato do uso de substâncias psicoativas no país, caso que além de poder persuadir as convicções dos indivíduos sobre algumas substâncias, também influencia as políticas públicas sobre drogas no Brasil, em razão de que os meios de comunicação são capazes de serem instrumentos de métodos de prevenção e promoção de saúde das pessoas.

A partir dos estudos de Costa et al. (2015), há a necessidade de uma maior ligação entre as políticas públicas e os serviços existentes, fazendo com que se efetive novos projetos e trabalhos que descrevam os contextos, porém nota-se uma carência em relação a esse assunto, pois constata-se que há muita demanda para pouco alcance dos serviços existentes na conjuntura brasileira. Nota-se que apenas uma pequena parcela dos usuários procura os serviços existentes, evidenciando que as ações no campo das drogas devem ser articuladas e concretizadas em uma grande proporção, visando à conexão das redes através de um entendimento intersetorial. As redes assistências Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Centro de Atenção Psicossocial Álcool e drogas (CAPSad), devem ser revistas, pois apesar da sua ampliação, o número de dispositivos ainda não são suficientes em todo o território brasileiro, faltam profissionais preparados para trabalharem nos serviços e necessita-se fortalecer as ações intersetoriais nas redes de saúde.

O autor Costa et al. (2012), realizou um estudo sobre assuntos relacionados a “família”, “perspectiva de vida”, “sexo” e “drogas” com adolescentes, numa escola estadual de ensino fundamental e médio. A escolha dos temas está associada ao predomínio da causa para a ligação ou não do uso de drogas, lícitas ou ilícitas. Os apontamentos feitos pelos adolescentes foram a respeito do grupo social, onde as amizades podem incentivar e influenciar a utilização de drogas pelos adolescentes. A família, onde muitos parentes fazem o uso de substâncias químicas e também devido aos desentendimentos familiares e péssimo relacionamento com a parentela;

a mídia onde os participantes revelam que mesmo que a ideia de que as drogas sejam ruins, os meios de comunicação instigam a curiosidade nos jovens a usarem drogas; a escola, visto que é um local para debates em educação e proteção contra o uso de entorpecentes, porém vem falhando nesse quesito; a moradia em área de risco também foi apontada pelos jovens como um fator importante para influenciar o uso, devido à exposição e o convívio com essas situações; e por fim as redes de apoio, que segundo os adolescentes, deveriam incentivá-los a estudar e trabalhar para desviá-los do uso de drogas e para atender suas necessidades.

De acordo com Carrilo e Mauro (2003), um estudo realizado com trabalhadores de uma empresa a respeito do uso e abuso de álcool e outras drogas, apresenta os prováveis motivos de perigo envolvendo costumes e/ou práticas na esfera do trabalho, destacando-se o hábito do fumo (13,8%), o uso de álcool (65,5%), e o consumo de outras substâncias químicas. Evidencia-se que o afastamento laboral é ocasionado por enfermidades, contratempos particulares e familiares. Esses seguimentos tornam evidentes a ausência de componentes trabalhistas como disposição de utilização de drogas.

Os prováveis motivos de fragilidade no meio de trabalho, de acordo com os autores, e que de algum modo pode incentivar o consumo de drogas, são o esgotamento físico e emocional devido o modo de trabalho e o convívio com os colegas. Há vários fatores que podem influenciar o uso e abuso do álcool e outras drogas, todavia, o trabalho mostra-se muito importante para a segurança do trabalhador contra esses acontecimentos. A precaução desses ocorridos é realizada, de acordo com os funcionários, através de ações como iniciar as férias, exercícios e entretenimento, escutar músicas, salientando que essas atividades são protetoras contra o uso de álcool e outras drogas.

Para Souza et al. (2010), através da realização de entrevistas a respeito do uso de álcool, os adolescentes, a sua maioria de baixa renda e de escola pública, observa-se que não há um entendimento sobre beber socialmente e beber em demasia. O estudo do autor revela que os adolescentes vêm bebendo em excesso, especialmente as garotas, cujo consumo tem sido elevado.

Algumas falas dos jovens apontam que há muita influência de grupos de amigos sobre ingerir bebida alcoólica, alguns fazem uso para que sejam aceitos no círculo social, outros para que pareçam importantes, mostrando que já não são mais crianças ou mesmo por “estar na moda” o consumo de bebida alcoólica, pois os jovens relatam que se sentem instigados a beber quando veem diversas propagandas incentivando o uso. Ainda é relatado o uso de álcool junto com os pais, principalmente afetando garotos, porque a droga é atribuída à masculinidade, principalmente para pais que dão bebida aos seus filhos menores.

Concordamos com as concepções dos autores, em sua unanimidade, que as drogas afetam diversas áreas da vida, comprometendo não apenas a saúde do indivíduo, mas também na esfera econômica e social. Conforme as pessoas vão se

tornando mais individualistas na nossa sociedade moderna, mais a visão distorcida pela mídia influencia a percepção que as pessoas têm de usuários de droga, principalmente quando se trata do crack. A mídia foca somente em enfatizar a droga e o mal que ela causa sobre os indivíduos que fazem uso dela, ignorando que para além desse cenário, existe o campo social, cultural e político dessa pessoa.

Os autores ainda destacam que as mulheres usuárias de crack sofrem mais julgamentos por se encontrarem nessa situação, onde há a culpabilização das usuárias, através dos meios de difusão de informações que retratam a situação de uma maneira distorcida em programas de televisão mais uma vez desconsiderando as circunstâncias que as levaram a estar passando por essa condição.

O usuário de crack aparece quase sempre nos meios de comunicação sendo taxado de marginal ou doente que não tem capacidade de governar-se. Essa lógica sempre foi reforçada pela mídia através de ideias atrasadas que eram acentuadas pela psiquiatria, com as formações de convicções de que o vício na droga não tem cura e a responsabilidade por essa demanda é exclusivamente do campo policial e judiciário. Essas concepções trazem consigo o preconceito, o estigma e a exclusão dos usuários de crack da sociedade, causando uma dificuldade dessas pessoas alcançarem saúde e ignorados por conta da sua circunstância social.

No que diz respeito ao uso de álcool e outras drogas, os autores apontam que o estudo sobre drogas em uma empresa revela que o distanciamento laboral colabora para que os trabalhadores façam uso de drogas, principalmente o cigarro e o álcool, o que proporciona uma maior disponibilidade para realizar o uso tanto de substâncias lícitas, como de ilícitas. Ainda nessa perspectiva envolvendo o álcool, a pesquisa realizada em uma escola aponta que para os adolescentes a utilização dessa droga é gerada pelo incentivo de amigos, de propagandas que influenciam a tomarem as bebidas alcoólicas e uma das principais causas que é a instigação dos pais para que os filhos bebam juntamente com eles.

Para Noto et al.(2013), a mídia exhibe reportagens de modo sensacionalista em relação as drogas ilícitas. O estigma está sempre presente nos enunciados, usando expressões desdenhosas referindo-se aos usuários. Os meios de comunicação ainda colaboram para que as concepções e princípios sejam danosos em relação ao uso de substâncias psicoativas, incentivando o preconceito, prejudicando intervenções relacionadas à saúde.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os trabalhos analisados, concluímos e concordamos com os entendimentos dos autores, assim sendo, no cenário atual, a mídia tem o poder de manipular os diversos estilos de vida dos indivíduos, induzir a formação de opiniões e crenças de determinados assuntos, gerando muitas vezes concepções distorcidas

sobre a realidade, provocando nos indivíduos processos de adoecimentos, perpetuando estigmas, ditando o que é certo e errado, e inclusive corrompendo muitas vezes com a verdade, fazendo com que isso acarrete polêmicas, consequentemente gerando audiência e lucro.

A importância de termos optado por essa temática e realizado essa pesquisa sobre esse atual cenário, se deu a partir das nossas vivências da vida acadêmica, despertando o desejo de nos aprofundarmos sobre a visão que a sociedade possui em relação aos transtornos mentais, perante a influência que a mídia exerce na vida das pessoas, fazendo com que isso provoque interpretações equivocadas e motivações para continuar a reproduzir estigmas e julgamentos, em que, na maioria das vezes, as pessoas não possuem conhecimento a respeito desse assunto e se deixam levar por quaisquer conteúdos exibidos pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A; BOSI, M. **Mídia e subjetividade**: impacto no comportamento alimentar feminino. Rev. Nutr., Campinas, 16(1):117-125. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a11v16n1.pdf> >. Acesso em: 02 Set. 2018.
- BARBOZA, R; FELDENS, D. **Educação para a mídia e psicopatologia**: um diálogo possível. Estudos Contemporâneos da Subjetividade, vol 6, num 2. 2016. Disponível em: < <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/viewFile/1725/1331> >. Acesso em: 03 de Dez. 2018.
- BARROS, L. O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas consequências. Revista CEJ, Brasília, v. 7, n. 20, p. 23-29, jan./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/518/699>>. Acesso em: 03 Out. 2018.
- BASTOS, L. C; BIAR, L.de A. Análises de narrativas e práticas de entendimento da vida social. D.E.L.T.A., 31-especial, 2015 (97-126). Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445083363903760077> >. Acesso em: 20 Out. 2018.
- BRANCO, F. et al. Conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre drogas e políticas de enfrentamento às drogas. Revista pesq. cuid. fundam. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/5057/505750946003/>>. Acesso em: 17 Out. 2018.
- BRUM, C.N.et al. **Revisão narrativa de literatura**: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. In: LACERDA, M.R.; COSTENARO, R.G.S. (Orgs). Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática. Porto Alegre: Moriá, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf> >. Acesso em: 03 Nov. 2018.
- CARRILHO, L; MAURO, M. **Uso e abuso de álcool e outras drogas**: ações de promoção e prevenção no trabalho. Rev. Enferm. UERJ, 2003. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v11n1/v11n1a04.pdf> >. Acesso em: 15 Out. 2018.
- COSTA, A. et al. **Drogas em área de risco**: o que dizem os jovens. Physis vol 22, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000200021>. Acesso em: 16 Out. 2018.
- COSTA, P. et al. **Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas**: uma revisão narrativa da literatura. Ciênc. Saúde Coletiva, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0395.pdf> >. Acesso em: 15 Out. 2018.

CUNDA, M; SILVA, R. **O crack em um cenário empedrado**: articulações entre os discursos jurídico, médico e midiático. *Psicologia & Sociedade*, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe/25.pdf> >. Acesso em: 17 Out. 2018.

EMERICH, T. et al. Necessidades de saúde e direito à comunicação em tempos de midiaticização. *RECIIS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*. 2016 out.-dez.; 10(4). Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1065/pdf1065>>. Acesso em: 02 Set. 2018.

FONSECA, F. **Mídia, poder e democracia**: teoria e práxis dos meios de comunicação. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* no. 6 Brasília July.\Dec. 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003>. Acesso em: 26 Set. 2018.

MACEDO, F. et al. **Mulheres, saúde e uso de crack**: a reprodução do novo racismo na/pela mídia televisiva. *Saúde Soc* vol 24, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n4/1984-0470-sausoc-24-04-01285.pdf>>. Acesso em: 17 Out. 2018.

MACHADO, A. **Reforma psiquiátrica e mídia**: representações sociais na Folha de S. Paulo. *Ciênc. Saúde coletiva* vol 9, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232004000200024&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 Out. 2018.

MOREIRA, J. **Mídia e psicologia**: considerações sobre a influência da internet sobre a subjetividade. *Psicol. Am. Lat.* no. 20 México 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009>. Acesso em: 11 Set. 2018..

NOTO, A. et al. **Ações integradas sobre drogas**: prevenção, abordagens e políticas públicas. Ed. UFJF. 2013. Disponível em: < http://www2.unifesp.br/dpsicobio/Nova_versao_pagina_psicobio/CAPITULO11COBERTURAJORNALISTICA.pdf >. Acesso em: 03 Dez. 2018.

ROMANINI, M; ROSO, A. **Mídia e crack**: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? *Psicol. ciênc.* 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282022731007>>. Acesso em: 16 Out. 2018.

RONZANI, T. et al. **Mídia e drogas**: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5):1751-1762, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000500016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 Out. 2018.

SANTOS, J; CARDOSO, C. **Narrativas e experiências acerca da loucura**: uma reflexão de profissionais de comunicação. *Interface- comunic., saúde e educ.*, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832011000300009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 Out. 2018.

SOUZA, S. et al. A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. *Ciênc. Saúde Colet*, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n3/v15n3a16.pdf> >. Acesso em: 13 Out. 2018.

TOMASI, C.; MEDEIROS, J. **Comunicação científica**: normas técnicas para redação científica. São Paulo: Atlas, 2008.

VERGARA, S. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 96p.

WURDIG, K; MOTTA, R. **Representações midiáticas da internação compulsória de usuários de drogas**. *Temas em psicologia* vol 22, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200014>. Acesso em: 15 Out. 2018.

ZANOTTO, D; ASSIS, F. **Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira**: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional. *Revista de Saúde Coletiva* vol 27, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000300771&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09 Nov. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

Marcelo Pereira da Silva - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar "Cultura e Sociedade", do Mestrado Profissional de Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marcelosilva_rp@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aminer 36

Análise de discurso 39, 46, 148, 159

Análise quantitativa 259

Anúncio 133, 134, 142, 170, 171, 176, 177, 178, 292

B

Blockchain 191, 192, 198, 199, 200, 201

Boato 125, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

C

Capital social 9, 98, 99, 100, 101, 104, 107, 109, 192, 200

Celebridade 1, 2, 5, 6, 8, 9, 10

Cinema 23, 189, 238, 239, 240, 262, 264, 265, 271, 272, 283, 284, 285, 286, 288, 291, 293, 294, 295, 306, 307, 308, 310, 311, 312, 313, 315

Cobertura jornalística 77, 82, 83, 86, 250, 324, 327

Comportamento do consumidor 88, 295

Consumo 6, 11, 12, 14, 54, 88, 91, 96, 110, 113, 114, 117, 119, 144, 193, 216, 287, 288, 328, 334, 336, 340, 343

Conteúdo 3, 8, 12, 14, 15, 19, 24, 31, 49, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 69, 79, 80, 82, 83, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 106, 110, 113, 114, 117, 138, 140, 141, 143, 144, 148, 155, 156, 164, 170, 171, 172, 174, 175, 180, 181, 188, 192, 197, 199, 206, 207, 209, 211, 216, 226, 227, 230, 231, 232, 236, 252, 255, 256, 257, 258, 263, 276, 280, 286, 287, 297, 298, 331, 332, 348, 350, 361

Cotas 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

Cotidiano 18, 44, 47, 55, 81, 126, 135, 167, 174, 194, 195, 196, 211, 216, 222, 233, 282, 295, 297, 298, 304, 312, 313, 314, 335, 356, 358, 361

E

Eleições 53, 54, 57, 59, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 127, 132, 136, 138, 157, 255, 260, 355

E-sports 77, 79, 81, 83, 84, 85, 86

F

Fake News 53, 55, 56, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 123, 134, 136, 293, 344, 345, 349, 350, 353, 354, 355

Feminismo 185, 214, 217, 218, 219, 224, 225

Fotografia 70, 73, 262, 289, 313, 325, 356, 357, 358, 359, 361, 362

I

Identidade 39, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 129, 163, 207, 208, 211, 212, 229, 249, 263, 264, 287, 294, 356, 357, 358, 361, 362

Imaginário 219, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 292

Imprensa 63, 102, 104, 108, 109, 110, 111, 113, 121, 123, 124, 127, 129, 132, 135, 136, 162, 171, 173, 175, 176, 181, 194, 195, 198, 204, 213, 216, 217, 219, 224, 226, 227, 229, 230, 234, 235, 236, 251, 254, 260, 275, 277, 278, 283, 302, 309, 318, 319, 327, 332, 335, 342, 359, 363

Influenciadores digitais 44, 46, 64

Infográfico 147, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 291

J

Jornal impresso 14, 18, 102, 103, 104, 170, 171, 172, 174, 175, 178, 179, 194, 320, 350

Jornalismo 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 55, 56, 64, 68, 77, 78, 79, 81, 82, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 95, 96, 109, 113, 118, 121, 138, 146, 159, 160, 161, 162, 163, 168, 169, 170, 171, 174, 179, 180, 181, 182, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 214, 216, 217, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 232, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 266, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 297, 298, 301, 303, 304, 316, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 354, 355, 363

Jornalismo automotivo 316, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328

Jornalismo esportivo 77, 81, 82, 86, 87

Jornalismo literário 161, 162, 163, 168, 169

M

Mídia 5, 6, 8, 10, 12, 14, 22, 42, 48, 49, 51, 64, 68, 76, 78, 79, 82, 83, 90, 92, 93, 96, 100, 102, 103, 108, 109, 111, 126, 127, 128, 132, 137, 139, 159, 171, 175, 180, 181, 182, 193, 196, 197, 204, 216, 217, 224, 226, 227, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 249, 251, 254, 255, 261, 273, 274, 277, 279, 282, 283, 295, 309, 316, 318, 319, 320, 323, 324, 327, 328, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 352, 354, 355, 361

Mídias digitais 14, 79, 88, 98, 100, 102, 188, 297, 298, 302

Multiculturalismo 238, 239, 240, 241, 248, 249

N

Notícias 2, 4, 12, 13, 14, 17, 40, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 76, 79, 83, 85, 88, 94, 95, 99, 102, 104, 105, 106, 108, 121, 123, 127, 130, 131, 141, 144, 164, 174, 175, 180, 191, 192, 194, 197, 198, 201, 218, 230, 231, 233, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 274, 276, 277, 279, 283, 294, 303, 304, 316, 318, 320, 323, 325, 331, 335, 337, 338, 345, 346, 349, 350, 351, 353, 354

P

Presídio 184, 187, 188, 299

R

Redes sociais 1, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 46, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 75, 82, 83, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 121, 122, 123, 128, 131, 138, 139, 141, 145, 146, 165, 172, 200, 235, 259, 260, 285, 286, 289, 291, 331, 344, 345, 350, 357, 358, 361, 363

Reportagem 69, 102, 150, 161, 162, 164, 168, 169, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 231, 235, 236, 280, 281, 297, 301, 302, 304, 319, 324, 326, 338

Representatividade 116, 182, 184, 188, 189, 203, 211, 259, 260, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293

S

Saúde mental 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Segunda tela 88, 89, 93, 94, 95, 96

Sensacionalismo 227, 232, 235, 252, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 342

Subjetividade 52, 135, 147, 155, 162, 221, 332, 333, 342, 343

V

Valor-notícia 197, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-695-9



9 788572 476959